

**Ensino de Zoologia Em Espaços Não Formais: Análise do Discurso**

Museológico do Museu do CEMAFANA

**Enseñanza de La Zoología En Espacios No Formales: Análisis Del Discurso**

Museológico Del Museo Del CEMAFANA

**Zoology Teaching In Non-Formal Spaces: Analysis Of The Museological Discourse Of**

The CEMAFANA Museum

Jackson Alex dos Santos Ferreira<sup>1</sup>Albano de Goes Souza<sup>2</sup>Reginaldo Pereira dos Santos Junior<sup>3</sup>Carina Siqueira de Moraes<sup>4</sup>

10.70678/sala8.v1i10.1601

Artigo científico

Linha de pesquisa: Prática Pedagógica, Currículo e Formação de Professores.

**Resumo**

O ensino de zoologia no nível básico é essencial para a construção do conhecimento científico dos estudantes, favorecendo a compreensão da biodiversidade e da importância dos seres vivos nos ecossistemas. Apesar do avanço tecnológico, o livro didático ainda é a principal ferramenta utilizada em sala de aula para o ensino dessa área. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso museológico do Museu do CEMAFANA (Petrolina-PE), especializado na fauna da Caatinga. O museu é considerado um espaço educativo não formal capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem, aproximando os estudantes do ensino de zoologia, da fauna regional e de sua realidade. A pesquisa segue abordagem qualitativa, descritiva e documental, baseada na leitura, interpretação e categorização dos textos expostos e recursos museográficos do museu em questão. Os resultados apontaram textos

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino – (PPGENS, mestrado) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Especialista em Docência de Biologia, jajackison85@gmail.com. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGENS, Senhor do Bonfim-BA) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Doutor em Educação, albano.goes@univasf.edu.br

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGENS, Senhor do Bonfim-BA) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Doutor em Difusão do Conhecimento, Reginaldo.pereira@univasf.edu.br

<sup>4</sup> Professora-orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGENS, Senhor do Bonfim-BA) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Doutora em Ensino de Ciências, carina.morais@univasf.edu.br

classificados em científicos, de divulgação e híbridos, predominando a linguagem científica, mas com estratégias acessíveis de mediação. Conclui-se que o CEMAFUNA, ao integrar preservação, pesquisa e divulgação, constitui um espaço pedagógico relevante para o ensino de Ciências e a valorização da biodiversidade regional.

**Palavras-chave:** Cemafauna. Educação não formal. Ensino de Zoologia. Ensino de Ciências.

## Summary

The teaching of zoology at the basic level is essential for building students' scientific knowledge, promoting the understanding of biodiversity and the importance of living beings in ecosystems. Despite technological advances, the textbook is still the main tool used in the classroom for teaching this subject. In this context, this study aims to analyze the museological discourse of the CEMAFUNA Museum (Petrolina-PE), specialized in the fauna of the Caatinga. The museum is considered a non-formal educational space capable of expanding learning possibilities, bringing students closer to the teaching of zoology, regional fauna, and their reality. The research follows a qualitative, descriptive, and documentary approach, based on the reading, interpretation, and categorization of the texts presented and museographic resources of the museum in question. The results indicated texts classified as scientific, popular science, and hybrid, with scientific language predominating but with accessible mediation strategies. It is concluded that CEMAFUNA, by integrating preservation, research, and dissemination, constitutes a relevant educational space for teaching Science and valuing regional biodiversity.

**Keywords:** Cemafauna. Non-formal education. Zoology teaching. Science teaching.

## Resumen

La enseñanza de la zoología en la educación básica es esencial para la construcción del conocimiento científico de los estudiantes, favoreciendo la comprensión de la biodiversidad y de la importancia de los seres vivos en los ecosistemas. A pesar de los avances tecnológicos, el libro de texto sigue siendo la principal herramienta utilizada en el aula para la enseñanza de esta área. En este contexto, este trabajo tiene como objetivo analizar el discurso museológico del Museo CEMAFUNA (Petrolina-PE), especializado en la fauna de la Caatinga. El museo se considera un espacio educativo no formal capaz de ampliar las posibilidades de aprendizaje, acercando a los estudiantes a la enseñanza de la zoología, de la fauna regional y de su realidad. La investigación sigue un enfoque cualitativo, descriptivo y documental, basado en la lectura, interpretación y categorización de los textos expuestos y recursos museográficos. Los resultados señalaron textos clasificados como científicos, de divulgación e híbridos, predominando el lenguaje científico, pero con estrategias de mediación accesibles. Se concluye que el CEMAFUNA, al integrar preservación, investigación y divulgación, constituye un espacio pedagógico relevante para la enseñanza de las Ciencias y la valorización de la biodiversidad regional.

**Palabras clave:** Cemafauna. Educación no Formal. Espacios no Formales. Enseñanza de Ciencias.

## Introdução

Pode-se dizer que a Zoologia é o ramo da Biologia dedicado ao estudo científico dos animais, abordando sua estrutura, fisiologia, evolução, comportamento, ecologia e diversidade. O ensino de Zoologia no nível básico desempenha um papel fundamental na

construção do conhecimento científico dos estudantes, promovendo a compreensão da biodiversidade e da importância dos seres vivos nos ecossistemas (Silva; Costa, 2018; Fernandes; Carvalho; Batista, 2021).

Apesar dos avanços tecnológicos, o livro didático continua sendo a principal ferramenta utilizada no ensino de Zoologia em sala de aula. Essa prevalência pode estar associada a fatores, como: a realidade socioeconômica das escolas, a limitação de recursos pedagógicos e o despreparo docente. Além disso, o conteúdo apresentado nos livros didáticos frequentemente retrata uma fauna que não corresponde à realidade local dos estudantes, dificultando sua conexão com o tema e comprometendo a compreensão da biodiversidade regional (Silva; Costa, 2018; Fernandes, Carvalho; Batista, 2021). Como resultado, o ensino, muitas vezes, permanece restrito a abordagens teóricas, reduzindo as oportunidades de experiências práticas e interativas. Essa limitação compromete o engajamento dos alunos e dificulta a construção de um conhecimento mais sólido e significativo.

Além disso, é essencial considerar o contexto ecológico em que os estudantes estão inseridos. A Caatinga, por exemplo, bioma exclusivamente brasileiro, abriga uma biodiversidade única, incluindo uma variedade de seres vivos adaptados às condições semiáridas. No entanto, esse bioma ainda é pouco representado nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas, o que contribui para o distanciamento dos alunos em relação à fauna regional (Silva; Costa, 2018; Silva et al., 2017).

Ao integrar o ensino de Zoologia à realidade da nossa caatinga, é possível promover uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, fortalecendo a valorização da biodiversidade regional e estimulando a consciência ambiental dos estudantes. Assim, o ensino torna-se não apenas eficaz, mas também relevante para a formação cidadã dos alunos.

Dessa forma, é fundamental buscar alternativas e estratégias didáticas que promovam maior envolvimento e ampliem as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, aproximando o ensino de Zoologia, da fauna regional e da realidade vivenciada pelos alunos.

Nesse contexto, os espaços educativos não formais, como museus, centros de ciências, zoológicos, parques, trilhas e/ou aulas de campo em ambientes naturais,

surtem como alternativas promissoras para complementar e enriquecer esse aprendizado científico (Araujo; Costa, 2021; Silva et al., 2017). Essa educação em espaços não formais tem se mostrado uma ferramenta eficaz para enriquecer o ensino dito ainda tradicional, possibilitando aos alunos experiências mais dinâmicas, interativas e contextualizadas (Souza, 2018; Sapiras, 2007). Museus e centros de ciências exercem um papel fundamental na educação científica, pois oferecerem ambientes acessíveis e interativos que favorecem o aprendizado também prático (Schuindt; Silveira, 2020).

Como exemplo de espaço não formal promissor pode-se citar o Museu Universitário de Fauna da Caatinga (MFC), também conhecido como Museu CEMAFAUNA, justamente por ficar localizado no Centro de Conservação e Manejo de Fauna da Caatinga (CEMAFAUNA - CAATINGA) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus Ciências Agrárias, em Petrolina - PE. O museu tem como principal temática a Fauna e Flora da Caatinga. Além de desempenhar um papel essencial na pesquisa e conservação da fauna nordestina, o museu se destaca como um importante espaço educativo, contribuindo para a popularização da Ciência e a conscientização ambiental (Araujo; Costa, 2021).

É diante disso, que o presente trabalho busca investigar o discurso museológico presente no Museu de Fauna da Caatinga, por meio dos textos e recursos de sua exposição permanente.

Ao analisar como o museu organiza e apresenta sua Ciência, destacando seus elementos constituintes, compreende-se que esse tipo de estudo contribui tanto para curadores e pesquisadores museais, no sentido de repensar e aprimorar suas exposições permanentes, ampliando seu impacto educativo e sua função de divulgação científica, quanto para professores, que passam a conhecer melhor as potencialidades do espaço, favorecendo o planejamento de suas práticas pedagógicas, e explorando seus recursos de forma significativa. Além de reconhecer o espaço como um recurso didático promissor para suas aulas de Ciências e divulgação científica.

### **Fundamentação teórica**

Os museus, enquanto espaços educativos não formais, desempenham papel

relevante na divulgação científica e na formação cultural da sociedade. Neles, o discurso museológico constitui a principal via de mediação entre o público e o conhecimento, sendo construído a partir da articulação entre os textos expositivos e os recursos museográficos.

Segundo Morais e Ferreira (2019), a educação não formal e a divulgação científica desenvolvidas pelos museus complementam as atividades escolares, oferecendo aos visitantes acesso a recursos e experiências que, em geral, normalmente não estão disponíveis no espaço formal de ensino, como acervos especializados, coleções de espécies raras e laboratórios.

Logo, os museus apresentam um discurso próprio, denominado museológico, constituído pelos diversos elementos presentes em suas exposições, com os quais os visitantes podem interagir (Pereira; Vale, 2017).

Esse discurso é a forma como um museu constrói significados e comunica informações, utilizando os objetos, seu contexto e a comunicação visual para transmitir uma mensagem aos visitantes. Ele possibilita múltiplas experiências ao público, que vão desde diferentes interpretações e conscientização sobre determinados temas até a construção de novas perspectivas de mundo.

Nesse contexto, o Museu CEMAFUNA, ao dedicar-se à preservação e conservação das espécies da Caatinga, configura-se como um espaço capaz de cumprir esse papel junto à sociedade local e aos seus visitantes.

Segundo Orlandi (1987), os discursos podem se organizar em três formas principais: lúdico, polêmico e autoritário. O discurso lúdico caracteriza-se pela polissemia aberta e pela ampla reversibilidade entre os interlocutores, privilegiando o jogo da linguagem. O discurso polêmico manifesta-se pela disputa de significados, com polissemia controlada e reversibilidade condicionada ao confronto entre posições. Já o discurso autoritário tende a impor um sentido único, reduzindo a reversibilidade e ocultando o objeto do discurso. No contexto museológico, essas tipologias podem ser compreendidas, respectivamente, como exposições que favorecem múltiplas interpretações interativas, que apresentam diferentes perspectivas sobre um mesmo tema, ou que centralizam o conhecimento de forma única e inquestionável.

Complementando essa perspectiva, Marandino (2001, 2002) destaca que os

textos museológicos constituem elementos fundamentais na mediação entre acervo e visitante, podendo ser classificados como científicos, quando mantêm linguagem técnica e especializada, ou de divulgação científica, quando utilizam uma linguagem acessível, adaptada ao público leigo. Pereira e Vale (2017) ampliam essa discussão ao introduzir a categoria de texto híbrido, que combina características dos dois primeiros, permitindo ao museu comunicar-se de forma mais inclusiva com públicos diversos.

Dessa forma, compreender as tipologias discursivas (Orlandi, 1987) e as categorias textuais (Marandino, 2001, 2002; Pereira; Vale, 2017) é fundamental para a análise do discurso museológico presente no MFC, possibilitando avaliar como esse espaço educativo organiza sua narrativa expositiva e como contribui para o ensino de Zoologia e para a valorização da biodiversidade da Caatinga. Esses últimos referenciais teóricos, portanto, constituem a base analítica adotada nessa pesquisa.

### **Metodologia**

Esta pesquisa enquadra-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e com elementos de pesquisa documental. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas têm como finalidade identificar, registrar e analisar características de determinado fenômeno, sem que haja interferência do pesquisador.

Já Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam tratamento analítico, como relatórios, documentos institucionais, registros visuais ou escritos. Nesse sentido, a análise dos textos e recursos museográficos do MFC enquadra-se nessa perspectiva, visto que são materiais já produzidos pela instituição e que podem ser descritos e interpretados em seu contexto expositivo.

Os dados foram gerados a partir da leitura minuciosa, interpretação, entendimento e categorização dos textos expostos e recursos museológicos presentes no Museu do CEMAFAUNA, com o intuito de identificar e analisar o seu discurso museológico.

O MFC, situado no Sertão nordestino, apresenta-se como um espaço privilegiado para aproximar os estudantes da fauna local, promovendo o contato direto com a

biodiversidade regional. Sua estrutura e acervo permitem não apenas a observação, mas também a vivência de experiências significativas que contribuem para a construção do conhecimento e o despertar de uma consciência ambiental (Bizerra et al., 2012).

Inaugurado em 2012, o Museu do CEMAFUNA encontra-se aberto a diferentes públicos, oferecendo visitas guiadas gratuitas que ocorrem mediante agendamento prévio, realizado por meio de links disponibilizados em seu perfil institucional no Instagram (@cemafauna). As modalidades de visitação incluem visitas escolares, particulares, em grupo ou de caráter técnico. Concebido como um braço educativo da instituição, o museu integra pesquisa científica e ações comunitárias.

Seu acervo é especializado principalmente na fauna da Caatinga, reunindo coleções entomológicas (insetos), mastozoológicas (mamíferos) e exemplares taxidermizados (técnica que consiste em preparar, preservar e montar animais mortos, de modo a manter sua aparência externa semelhante à que possuíam em vida), além de peças de resgate, espécies raras e descobertas realizadas por pesquisadores da instituição. A coleção constitui um recurso relevante para a Ciência, a conservação e a educação, servindo de base para estudos de taxonomia, ecologia e distribuição biogeográfica de espécies.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta, com registro fotográfico, contemplando os módulos expositivos, painéis, legendas, etiquetas, acessibilidade, peças taxidermizadas e demais recursos museológicos. A análise seguiu uma perspectiva de categorização dos textos expositivos em científicos, de divulgação ou híbridos (Marandino, 2001, 2002; Pereira e Vale, 2017; Moraes; Ferreira, 2019).

Dessa forma, a metodologia proposta possibilitou compreender de que modo o discurso museológico do museu do CEMAFUNA se constitui e quais as aplicações e implicações apresentam para o processo de ensino e aprendizagem.

## Resultados e Discussões

Os resultados obtidos a partir da análise do Museu do CEMAFUNA foram organizados em duas dimensões complementares. A primeira refere-se à estrutura expositiva, contemplando a disposição do acervo, a organização das vitrines e os recursos museográficos empregados (Quadro 1). A segunda dimensão reúne aspectos

relacionados ao discurso museológico, englobando as tipologias de textos expositivos, os elementos pedagógicos presentes na exposição e as condições de inclusão e acessibilidade oferecidas pelo espaço (Quadro 2). Essa organização busca sistematizar as principais evidências observadas, permitindo uma melhor compreensão do modo como o museu articula ciência, educação e comunicação para seus visitantes.

**Quadro 1** – Estrutura da exposição do Museu do CEMAFUNA.

Estrutura da exposição do Museu do CEMAFUNA	
Categoria de Análise	Principais Resultados
Estrutura da Exposição	Acervo com ~40 animais vertebrados taxidermizados (mamíferos, répteis e aves).
	Organização em 10 vitrines temáticas e 10 módulos expositivos.
	Uso de enriquecimento ambiental característico da Caatinga nos módulos e em duas vitrines.
	Recursos inovadores: crânios e asas em 3D colorido para identificação da composição óssea.
Vitrines	Mamíferos (2).
	Caixas entomológicas: besouros, abelhas/vespas/ borboletas e seu ciclo de vida. (3)
	Crânios 3D (onça-parda e capivara). (1)
	Asas de morcego e ave em 3D. (1)
	Fóssil de peixe. (1)
	Materiais arqueológicos. (1)
	Simulação de ambiente natural com borboletas e artrópodes em resina. (1)

Fonte: Elaboração própria (2025).

**Quadro 2** – Síntese do discurso museológico e acessibilidade no Museu CEMAFUNA.

Síntese do discurso museológico e acessibilidade no Museu CEMAFUNA	
Categoria	Descrição
Tipologias de Textos	Científicos (predominantes): 8 textos, linguagem técnica, nomes científicos, QR Codes.
	Divulgação científica: 7 textos, explicações acessíveis, uso de metáforas/analogias (ex. de textos.: carcará, fóssil de peixe, vitrine arqueológica).
	Híbridos: ciclo de vida das borboletas, com identificação por cores para cada espécie.
	Predomínio do discurso científico pelo caráter universitário.

<b>Aspectos Museográficos e Pedagógicos</b>	Uso de estratégias didatizantes ainda limitado.
	Mediação humana central para interação.
	Estrutura com caráter sistemático e contemplativo.
<b>Inclusão e Acessibilidade</b>	Pontos positivos: uso de QR Codes com tradução em Libras (inativos).
	Limitações: ausência de piso tátil, falta de textos bilíngues (Português/Inglês) e em braile, escassez de placas informativas e atividades manipulativas.

Fonte: Elaboração própria (2025).

O acervo permanente do Museu CEMAFAUNA conta com aproximadamente 40 animais vertebrados taxidermizados, distribuídos entre mamíferos, répteis e aves. Esses exemplares estão organizados em dois formatos principais: em 10 vitrines temáticas e em 10 módulos expositivos localizadas no Hall de exposição, onde foram adicionados elementos de enriquecimento ambiental característicos da Caatinga, de modo a contextualizar os animais em seus ambientes naturais, observado na figura 1. Esse mesmo recurso também é observado nas vitrines dedicadas aos mamíferos, ampliando o potencial didático da exposição, observado na figura 2.

**Figura 1** - Hall de entrada, Visão geral do Museu.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

**Figura 2**- Vitrine expositiva, mamíferos taxidermizados.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

No que diz respeito às vitrines, duas delas são destinadas a mamíferos; três caixas entomológicas exibem coleções de besouros, abelhas e vespas, além do ciclo de vida das borboletas com exemplares. Outra vitrine apresenta dois crânios impressos em 3D (onça-parda e capivara), com os ossos coloridos de forma diferenciada para identificação. Há ainda uma vitrine com os esqueletos das asas de morcego e de ave, também em impressão 3D, com ossos destacados por cores para facilitar a comparação anatômica. Complementam o conjunto uma vitrine com um fóssil de peixe, outra com materiais de escavação arqueológica e uma que simula um ambiente natural, contendo algumas espécies de borboletas e outros artrópodes preservados em resina. A figura 3 e 4 trazem alguns exemplos dessas vitrines.

**Figura 3-** Vitrine expositiva, Crânios 3d.



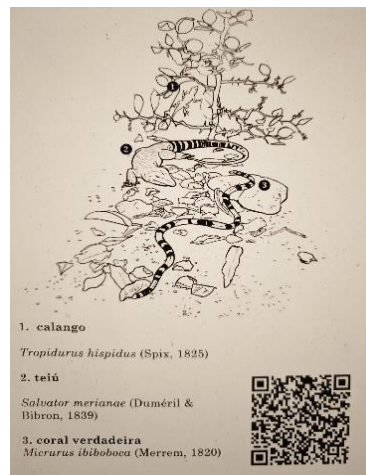
Fonte: Arquivo pessoal (2025).

**Figura 4-** Vitrine expositiva, fóssil de peixe.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Quanto aos textos expostos, a análise permitiu classificá-los em três categorias: científico, divulgação e híbrido, conforme nosso referencial.

Foram identificadas oito etiquetas de identificação (etiquetas de identificação são textos sucintos, objetivos, normalmente descrevem somente as peças expostas, trazendo: nome, origem, datação, local de coleta, etc). No caso das etiquetas do MFC apresentavam apenas a ilustração do animal, seu nome científico, acompanhados de QR codes de acessibilidade. A ideia é acessar o QR Code presente nas etiquetas com o celular, levando a apresentação de um vídeo com a tradução do texto em libras (atualmente inativos devido à migração do site institucional), à exemplo da figura 5.

**Figura 5:** Exemplo de Etiqueta, Texto científico.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Esses textos foram classificados como científicos. De acordo com Marandino, (2001, 2002), os textos que se enquadram nessa categoria evidenciam características próprias, como a presença de verbos na terceira pessoa do plural e singular, sem a presença de um agente, como também a presença de termos científicos específicos e técnicas normalmente sem definição/explicação, bem como a presença da identificação taxinômica de espécies além de serem objetivos.

Ainda nessa categoria também se incluem os textos das caixas entomológicas de besouros e de abelhas/vespas, que trazem somente os nomes das famílias taxonômicas, bem como os textos das vitrines dos crânios 3D e das asas de morcego e ave, compostos apenas pelas legendas técnicas dos ossos e QR Code.

Em relação às características físicas dos textos, as letras apresentam fontes pequenas a medianas. Grosso modo, as letras estão adequadas, acompanhadas de luminosidade e o leitor pode se aproximar para facilitar a sua leitura, não tendo restrição de distanciamento ou cordões de isolamento.

Em relação a categoria dos textos de Divulgação Científica, foi possível enquadrar sete textos nessa classificação, pois apresentavam, além da ilustração e do nome científico, breves informações ecológicas sobre o animal. Conforme a figura 6, temos um exemplo de uma etiqueta que traz as informações ecológicas do caracará, no texto é introduzido que este animal é um predador generalista e onívoro, mas logo em seguida, é explicado qual o tipo de alimentação que esse animal costuma comer, não deixando dúvidas sobre os termos introduzidos, com uma linguagem de fácil entendimento e próxima do cotidiano. Marandino (2001) destaca que esse tipo de texto de divulgação científica é uma estratégia utilizada em museus. Porém, é um recurso que acaba sendo pouco utilizado na exposição, mas que ajuda a aproximar os diferentes perfis de público visitantes de museus.

Logo, textos dessa natureza traz uma linguagem que busca se aproximar da cotidiana. Assim, apresenta elementos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na experiência do leitor. Além disso, possuem mecanismos que revela a capacidade autoexplicativa, utilizando elementos que chamamos de didatizantes, como: definição, nomeação, exemplificação, comparação, analogias, metáforas, parafraseamento, uso de

elementos visuais, narração etc., com a finalidade de clarificar o conhecimento científico, mas nunca a simplificar a Ciência.

**Figura 6** - Exemplo de Etiqueta, Texto de Divulgação científica.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Nessa categoria também podemos incluir o texto da vitrine do fóssil de peixe, que descreve período, distribuição e local de descoberta, e o texto referente à vitrine arqueológica, que apresenta de forma resumida a escala geocronológica e seus principais eventos.

Já os textos Híbridos trazem de forma harmoniosa e equilibrada os elementos de ambos tipos de textos, científico e divulgação. Nessa categoria, temos a caixa entomológica das borboletas e ciclo de vida, que apresentou uma organização diferenciada, trazendo a identificação das famílias por cores, três representantes adicionais fora do círculo principal e a descrição dos estágios do ciclo de vida. Esse conjunto foi classificado como híbrido por mesclar informações técnicas e elementos de divulgação, melhor apresentado com a figura 7.

Figura 7 - Exemplo de Texto híbrido.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Outro ponto relevante é o uso de recursos museográficos inovadores, como os crânios e asas em impressão 3D, exemplificado anteriormente na figura 3, que permitem detalhar estruturas anatômicas de forma visualmente acessível. Além disso, o enriquecimento ambiental característico da Caatinga, presente tanto nas vitrines de mamíferos quanto nos módulos expositivos do hall de exposição, demonstram uma preocupação em contextualizar os animais em seu habitat natural, reforçando a conexão entre ciência, ambiente e educação.

Em linhas gerais, o que se pode observar é uma maior presença de textos científicos, mas com a presença também de textos de divulgação e propostas híbridas. A predominância do científico claramente é justificada pelo MFC ser um museu universitário que busca divulgar sua Ciência para que seu público conheça a realidade da caatinga.

Além disso, é nítido a preocupação em ampliar sua função educativa, pois o museu também busca estratégias museológicas para melhorar sua audiência, como o próprio uso de elementos didatizantes em seus textos assim como o próprio uso da mediação. O museu faz questão de ter uma mediadora para receber seus visitantes, apresentando-lhes o museu e tirando suas respectivas dúvidas.

Vale ressaltar que quando o museu tende a predominância de discurso científico, o que confere rigor técnico à exposição, isso pode representar um desafio para visitantes não especializados, por isso reforçamos a importância de mesclar também textos de divulgação e híbridos, assim como a presença de mediadores.

Logo, podemos dizer que os resultados obtidos revelam que o discurso museológico do museu do CEMAFUNA tende a privilegiar a linguagem científica, principalmente na identificação dos animais taxidermizados e nas caixas entomológicas. A própria organização da exposição revela um caráter sistemático, do tipo contemplativo. A interação fica a cargo da mediação.

Ainda assim, em relação a sua estrutura sentimos falta de placas informativas, como: toque, não toque, olhe, observe e compare, começo, fim, que também são elementos didatizantes que se enquadram como estilísticos/visuais e até manipulativos, pois convidam o público a fazer algo, como por exemplo, assistir um vídeo.

Sobre inclusão e acessibilidade, ainda falta um piso tátil para deficientes visuais terem melhor acesso a exposição. Os textos poderiam se apresentarem pelo menos em duas versões, português e inglês, como também poderiam, ainda que fosse nas etiquetas que acompanham os animais, a tradução do texto em braile.

Assim, o discurso museológico do MFC não se limita à exposição de espécimes, mas articula diferentes linguagens e estratégias pedagógicas, favorecendo múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem para o ensino de zoologia.

A presença de vitrines híbridas e de textos de divulgação mostra um esforço do museu em dialogar com públicos diversos, indo ao encontro do que defendem Marandino (2001, 2002) e Pereira e Vale (2017), que destacam a relevância de adequar a linguagem museológica a diferentes perfis de visitantes.

### **Considerações finais**

O estudo evidenciou que o Museu do CEMAFUNA, ao articular textos científicos, de divulgação e híbridos, aliado a recursos museográficos como vitrines temáticas, módulos expositivos e enriquecimento ambiental característico da Caatinga, constrói um discurso museológico com grande potencial para o ensino de zoologia em espaços educativos não formais.

Esse potencial se torna ainda mais significativo quando reforçado com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que indica trabalhar nos anos finais do Ensino Fundamental, os conteúdos relacionados à biodiversidade, classificação dos seres vivos, relações ecológicas e conservação ambiental. Dessa forma, professores podem utilizar o museu do CEMAFAUNA como recurso didático complementar, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada, significativa e alinhada aos conteúdos, competências e habilidades previstas na BNCC.

Lembrando que a ideia aqui não é tornar o museu uma extensão da escola, pelo contrário, museus devem divergir da escola em relação a: intencionalidade, a organização, duração, flexibilidade, aprendizagens, entre outros aspectos. No museu, os interesses dos sujeitos aprendizes devem prevalecer, com liberdade de escolha e conhecimento acessível, sem preocupação com o formalismo e com a avaliação do conhecimento. O que reforçamos aqui é que este museu pode se tornar um aliado didático da escola para promover o ensino de Zoologia, complementando suas atividades.

Portanto, o museu não apenas cumpre sua função de preservação e divulgação científica, mas também se destaca como aliado pedagógico, capaz de aproximar estudantes da realidade ecológica da Caatinga, fortalecer a consciência ambiental e valorizar a fauna regional.

Nesse sentido, reforçamos a necessidade de políticas públicas voltadas para a manutenção, ampliação e modernização de museus regionais, especialmente aqueles situados em contextos de menor visibilidade, como o semiárido nordestino. Investimentos contínuos em infraestrutura, acessibilidade, formação de equipes multidisciplinares e recursos tecnológicos são fundamentais para garantir a sustentabilidade e a eficácia educativa desses espaços. Além disso, o financiamento público e privado é condição essencial para que museus como o CEMAFAUNA possam expandir suas ações de pesquisa, conservação e divulgação científica, consolidando-se como espaços de referência na promoção da educação ambiental e científica.

Em síntese, destacamos que este estudo realizado no Museu da Fauna da Caatinga representa apenas um ponto de partida. Trata-se de nossas primeiras

impressões acerca do espaço não formal, que servirão de base para futuras colaborações com o Museu. Pretendemos, assim, delinear estratégias complementares que favoreçam a interação e a reflexão do público visitante diante dos objetos museais. Em investigações posteriores, buscaremos ampliar a promoção e a difusão do conhecimento científico, possibilitando múltiplas aprendizagens, contemplando a diversidade de perfis dos visitantes.

## Referências

- ARAUJO, M. D. F.; COSTA, L. F. M. da. **Espaços não formais amazônicos como organizadores prévios da aprendizagem no ensino de ciências.** Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática, v. 4, n. 8, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/RIEcim/article/view/19307>. Acesso em: 27 set. 2025.
- BIZERRA, A. F., CIZAUSKAS, J. B. V., INGLEZ, G. C., & Tino. F. M. de, (2012). **Conversas de aprendizagem em museus de ciências: como os deficientes visuais interpretam os materiais educativos do museu de microbiologia?** *Revista Educação Especial*, 25(42), 57–73. <https://doi.org/10.5902/1984686X4341>
- FERNANDES, T. R.; CARVALHO, A. S.; BATISTA, S. C. F. **Ensino de Zoologia no Ensino Fundamental: sequência didática com uso de tecnologias digitais e mapas conceituais.** Revista Cocar, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4288>. Acesso em: 02 set. 2025.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PEREIRA, Beatriz de Oliveira; VALLE, Mariana Guelero do. **O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural.** *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 23, n. 4, p. 835–849, 2017. DOI: 10.1590/1516-731320170040004.
- Sapiras, A. (2007). **Aprendizagem em museus: uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan.** (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10122007-162252/> Acesso em: 20 set. 2025.
- SCHUINDT, C. C.; SILVEIRA, C. (2020). **A Educação Inclusiva Em Espaços Não Formais: Uma Análise Dos Museus De Ciências Brasileiros.** edur [Internet]. 22º de maio de 2020 [citado 3º de abril de 2025];36(1). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/35601> Acesso em: 22 set. 2025.

SILVA, M. S. da; COSTA, S. **Ensino de zoologia nas aulas de ciências a partir da aprendizagem significativa crítica.** Teaching, Health and Environment, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em:

[https://www.academia.edu/118887786/Ensino\\_De\\_Zoologia\\_Nas\\_Aulas\\_De\\_Ci%C3%A2ncias\\_a\\_Partir\\_Da\\_Aprendizagem\\_Significativa\\_Cr%C3%ADtica](https://www.academia.edu/118887786/Ensino_De_Zoologia_Nas_Aulas_De_Ci%C3%A2ncias_a_Partir_Da_Aprendizagem_Significativa_Cr%C3%ADtica). Acesso em: 08 set. 2025.

SILVA, R. R. da C. et al. **Espaços não formais: dificuldades encontradas por professores dos anos finais do interior de Pernambuco.** In: Anais IV CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36816>. Acesso em: 25 set. 2025.

SOUZA, M. E. T. A. (2018). **Ensino de Biologia em espaços educativos não formais: Análise descritiva e proposição de ações pedagógicas no Museu de Oceanografia da UFPE.** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26307>. Acesso em: 21 set. 2025.

MARANDINO, Martha. **A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições.** Ciência & Educação (Bauru), v. 8, n. 2, p. 187–202, 2002.

MARANDINO, M. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, 451f.

MORAIS, Carina Siqueira de; FERREIRA, Helaine Sivini. **O Museu do Homem Americano e o seu discurso museológico.** In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - ENPEC, 12., 2019, Natal. Anais [...]. Natal: ABRAPEC, 2019. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R1193-1.html>. Acesso em: 10 set. 2025

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

NOTA - Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submitted on: 28/12/2025

Accepted on: 12/02/2026

Published on: 27/03/2026